

MESTRADO INTEGRADO

PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

***Stalking* sob o olhar das vítimas: conceções e perceções sobre o crime**

Eliana Catarina da Silva Rocha

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

***STALKING* SOB O OLHAR DAS VÍTIMAS:
CONCEÇÕES E PERCEÇÕES SOBRE O CRIME**

Eliana Catarina da Silva Rocha

Novembro 2020

Dissertação apresentada no âmbito do Mestrado Integrado de Psicologia, área de Psicologia do Comportamento Desviante e Justiça, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor Joaquim Luís Coimbra (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

“You may never know what results come of your actions,
but if you do nothing, there will be no results”

Mahatma Gandhi

Agradecimentos

Aos meus pais...

Que sempre me apoiaram e me criaram para ser uma pessoa que lutadora e que não desiste ao primeiro obstáculo. Um especial agradecimento à minha mãe que esteve do meu lado sempre com uma palavra de incentivo e que permitiu que tudo isto fosse possível, pela força, pela guerreira que demonstra ser todos os dias e que nunca deixou que me faltasse nada. Espero orgulhar-vos.

Aos meus avós, aos meus tios, aos meus irmãos e à minha linda sobrinha...

Ao fazerem parte da minha vida, fazem de mim uma pessoa mais feliz e com mais motivos para lutar por aquilo em que acredito. Fazem parte de todo o meu sucesso e contribuíram de alguma forma para que isso fosse possível. Espero orgulhar-vos.

Às minhas lindas amigas, Maria Gregório, Inês Silva e Francisca Silva...

Obrigada por tudo o que representam, por terem estado do meu lado durante todo o processo. Sem vocês não teria conseguido. Fazem parte do todo que é a minha vida e fazem de mim alguém melhor todos os dias. Espero orgulhar-vos da mesma forma que eu me orgulho de vocês, por juntas, termos superado mais uma etapa. Que venham as próximas.

Ao Professor Doutor Joaquim Luís Coimbra...

Obrigada pela sua orientação durante a redação desta dissertação.

Resumo

Perseguição, ou assédio persistente, é um padrão de comportamentos indesejados em relação a alguém que é sujeito a uma situação de vitimação devido à sua persistência e frequência, que violam a liberdade da vítima.

Este estudo tem como objetivo explorar, identificar e compreender a experiência de vitimização como um todo, utilizando uma metodologia qualitativa, nomeadamente, ao nível do uso de entrevistas semiestruturadas para recolha dos dados e posterior análise de conteúdo categorial.

Os resultados deste estudo concentram-se em quatro categorias principais: a descrição do tipo de assédio persistente; a forma como a experiência de vitimização da vítima é percebida, o seu impacto e os sentimentos gerados pelo assédio persistente; o tipo de recursos usados para lidar com o assédio; e, por fim, as conceções da sociedade diante deste fenómeno. Daqui inferimos duas grandes conclusões que têm sido menos estudadas no contexto português: (i) quando o assédio é perpetrado por um estranho, parece haver um impacto mais negativo, gerando emoções negativas mais intensas e maiores níveis de medo do que quando as vítimas conhecem o agressor; e (ii) quando o perseguidor é uma mulher que foi rejeitada pela vítima masculina, o comportamento de assédio é mais intenso, bem como causador de um maior dano psicológico a longo prazo. Assim, constatou-se que, embora a vítima mulher experiencie sentimentos negativos que afetam a vida da vítima em vários níveis, a mulher vítima parece ser mais capaz de superar a experiência de vitimização.

Palavras-chave: *Stalking*; Assédio persistente; Vitimação

Abstract

Stalking, or persistent harassment, is a pattern of unwanted behavior towards someone who is victimized due to its persistence and frequency that invades victim's freedom.

This study aims to explore, identify and understand the victimization experience as a whole, using a qualitative methodology like semi-structured interviews to collect the data and subsequent categorical content analysis.

The results of this study, focus on four major categories: the description of the type of persistent harassment; the way the victim's experience of victimization is perceived, its impact and the feelings generated by persistent harassment; the type of resources used to deal with harassment; and, finally, the conceptions of society in the face of this phenomenon. From this, we took two major conclusions that have been lesser studied in the Portuguese context: (i) when harassment is perpetrated by a stranger, there seems to be a more negative impact, generating more intense negative emotions and greater levels of fear than when the victims know the aggressor; and (ii) when the stalker is a female who got rejected by the male victim, there's a higher intensity of the harassing behavior, as well as greater psychological damage in the long run. Thus, it was found that, even though the harassment of a woman by a male stalker generates negative feelings and an impact on the victim's life at various levels, the victim seems to be more capable of overcoming the experience of victimization.

Keywords: *Stalking*; Persistent harassment; Victimization

Résumé

Le harcèlement criminel, ou harcèlement persistant, fait référence à un modèle de comportement indésirable envers quelqu'un qui est victime en raison de sa persistance et de sa fréquence et qui envahit la liberté de la victime.

Cette étude vise à explorer, identifier et comprendre l'expérience de victimisation dans son ensemble, en utilisant une méthodologie qualitative avec l'obtention d'informations à travers des entretiens semi-structurés et une analyse ultérieure du contenu catégoriel.

Les résultats de cette étude se concentrent sur quatre grandes catégories: la description du type de harcèlement persistant; la façon dont l'expérience de victimisation de la victime est perçue, son impact et les sentiments générés par un harcèlement persistant; le type de ressources utilisées pour faire face au harcèlement; et enfin les conceptions de la société face à ce phénomène. De là, nous avons inféré deux conclusions majeures qui ont été moins étudiées dans le contexte portugais: (i) lorsque le harcèlement est perpétré par un étranger, il semble y avoir un impact plus négatif, générant des émotions négatives plus intenses et des niveaux de peur plus élevés que lorsque les victimes connaissent l'agresseur; et (ii) lorsque le harceleur est une femme qui a été rejetée par une victime masculine, il y a une plus grande intensité du comportement de harcèlement, ainsi que des dommages psychologiques plus importants à long terme. . Ainsi, il a été constaté que, même si le harcèlement d'une femme par un harceleur de sexe masculin génère des sentiments négatifs et un impact sur la vie de la victime à différents niveaux, la victime semble être plus capable de surmonter l'expérience de la victimisation.

Mots-clés: *Stalking*; Harcèlement persistant; Victimisation

Índice

Introdução	1
1. <i>Stalking</i>	4
1.1. Conceito.....	4
1.2. Tipologia de <i>Stalkers</i>	6
1.3. Tipologia de Vítimas	7
1.4. Comportamentos de <i>Stalking</i>	8
1.5. Impacto e Consequências nas Vítimas	9
1.6. Apoio e Estratégias de <i>Coping</i>	11
2. Estudo Empírico.....	13
2.1. Participantes	13
2.2. Metodologia	13
2.2.1. Método de recolha de dados.....	15
2.2.2. Método de análise de dados	16
3. Resultados	17
3.1. Experiência de assédio.....	18
3.2. Vítimas	20
3.3. Recursos.....	22
3.4. Sociedade.....	23
4. Discussão	24
5. Considerações Finais	28
6. Referências	30
Anexos	34
Anexo 1- Termo de consentimento informado.....	34
Anexo 2- Guião da entrevista	36
Anexo 3- Mapa categorial.....	37

Lista de acrónimos

EU- European Union/ União Europeia

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

PTSD- Post-traumatic stress disorder/ Perturbação de stress pós-traumático

Introdução

O fenómeno do *Stalking* tem sido reconhecido por todo o mundo, incluindo a comunidade científica que lhe tem dedicado especial relevo, tanto no plano social, como legal, médico e psicológico. É importante referir que, apesar de este fenómeno ter sido, apenas em 2015 reconhecido legalmente em Portugal, ele constitui um comportamento antigo com um novo conceito. Vários casos foram detetados ao longo de décadas; no entanto, quando se falava em perseguição atribuíamos esse conceito às celebridades que, por serem socialmente conhecidas, em sociedades inscritas numa cultura do mediatismo e da notoriedade, sofriam várias tentativas de aproximação e contactos indesejados.

O interesse crescente em estudar este tipo de crime deu-se com a criação da primeira legislação anti-*stalking* que ocorreu na Califórnia em 1990, sendo considerada uma forma de violência específica e um problema social. Foi o homicídio de Rebecca Schaeffer, em 1989, que levantou várias questões sobre esta problemática e que originou a promulgação da primeira lei anti-*stalking* que viria a servir de modelo para outros estados americanos (Carvalho, 2010). Rebecca era uma jovem atriz norte-americana que foi perseguida, durante vários anos, por um fã “obcecado”. A 18 de julho de 1989, foi morta a tiro, por ele, em frente ao seu apartamento. Posteriormente, também nos EUA, no decorrer de seis semanas, quatro mulheres faleceram às mãos dos seus ex-parceiros íntimos, havendo registos de queixas feitas pelas mesmas às autoridades alegando serem vítimas de perseguição, assédio e ameaças. O alarme social em volta destes casos, alertado especialmente pelos *media*, levou às leis anti-*stalking*. De inexistente, o crime por *stalking* passou, em três anos, a estar regulado em todos os estados federais norte-americanos (Luz, 2012), iniciando assim, estudos pioneiros e mudanças no código penal na maior parte dos países que não possuíam, até ao momento, legislação adequada para fazer frente a este fenómeno. Um estudo mais geral que agrupou 28 estados membros da EU, detetou que 18% de 42.000 mulheres tinham sido vítimas de *stalking* (FRA, 2014).

Para além destes casos de maior destaque na Califórnia, em Portugal também tivemos o primeiro caso de *stalking*, a ser julgado em 2010, apesar de na altura não ser usado este termo, nem estar constitucionalmente qualificado como

um crime. O vocalista da banda UHF, António Manuel Ribeiro, foi ameaçado, perseguido, alvo de mensagens e *e-mails* indesejados e tentativa de atropelamento. Depois da denúncia ter sido registada, o processo foi encaminhado para o Ministério Público, acabando numa condenação de “dois anos de pena suspensa pela prática de cinco crimes: dois crimes de ameaça agravada; dois crimes de perturbação da vida privada; um crime de injúria” (Carvalho, 2010) tendo sido, ainda, imposta uma medida de afastamento e de contacto. Devido aos danos não patrimoniais (e.g., integridade física, a liberdade, sofrimento físico e/ou psíquico) a *stalker* teve de pagar uma indemnização de 15 mil euros e 7,5 mil euros à sua companheira na altura dos atos. Na atualidade este crime teria sido designado como *stalking* e julgado como tal.

Perante o crescente interesse por esta problemática foram feitos vários estudos com o objetivo de identificar as dinâmicas próprias deste tipo de crime, os comportamentos a ele inerentes, a identificação e posterior categorização dos tipos de *stalkers* e as suas condições psicológicas, as características presentes e comuns das vítimas, assim como o impacto a nível social, físico, psicológico e monetário que os comportamentos têm nas mesmas (Luz, 2012). Como referido anteriormente, Portugal reconheceu o *stalking* como um crime semipúblico, apenas em 2015. Sendo um grande avanço para o nosso país, no entanto insuficiente. A lei previa que, após o julgamento e eventual condenação do arguido, poderiam ser aplicadas penas acessórias - “A pena acessória de proibição de contacto com a vítima deve incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento deve ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância” (artigo 154º A- Perseguição). Contudo, no decorrer de todo o processo desde a apresentação da queixa até ao julgamento e eventual condenação, não havia proteção para as vítimas, ou seja, uma vez que a possibilidade de aplicação destas medidas de coação só poderia ocorrer após o julgamento, deixava a vítima desprotegida durante todo o processo. Devido a esta falha, em 2019, foi apresentado um projeto-Lei que previa a proteção das vítimas e a possibilidade da aplicação de medidas de coação no decorrer do processo, ou seja, desde o momento em que é apresentada queixa até ser aplicada uma condenação, o arguido fica proibido de comunicar e de se aproximar da vítima, sempre com o objetivo da proteção da mesma. Assim, atualmente, o *stalking* é mais reconhecido tanto no âmbito científico como social e jurídico (Ferreira et al., 2018).

“Esta forma de vitimação parece especialmente preocupante uma vez que pode afetar qualquer pessoa, independentemente do sexo, orientação sexual, etnia, faixa etária ou classe social” (Ferreira, 2013) e pode ser perpetuada de variadas formas e por diversos motivos, estando mais presente nas relações de intimidade. A consciencialização para este fenómeno é importante e deve ser entendido como um ato criminoso em ascensão. Quanto mais informação existir, mais as pessoas conhecem este tipo de crime, como se perpetua, as suas características e a que tipo de serviços podem recorrer tanto para o caso de serem vítimas, ou se souberem de alguém que está a sofrer deste tipo de vitimação. Os *media* são uma presença forte na vida da sociedade e o seu papel é fundamental no reconhecimento do *stalking* como um problema psicológico e social, alertando a comunidade para esta problemática, seja com notícias, com simples informações, filmes (e.g., *Atração Fatal*) e séries televisíveis (e.g., *You*) (Lowney & Best, 1995).

O crescente número de estudos relativamente a esta temática tem quebrado várias barreiras impostas pela sociedade desde sempre. Apoiam a libertação de informação aumentando o conhecimento nesta área e dando a oportunidade de as vítimas conseguirem identificar estes comportamentos para se autoprotegerem ao acionarem as redes de apoio disponíveis, sejam estas formais ou informais. Numa outra perspetiva, a investigação faz com que haja uma maior preparação por parte dos profissionais de saúde mental assim como de outros serviços formais disponíveis (e.g., a nível judicial, jurídico, médico). Apesar de todo o desenvolvimento até à atualidade, é necessária a realização de mais estudos que se foquem na perspetiva das vítimas face a este fenómeno. Entrevistas nas quais as vítimas possam falar abertamente da sua experiência de vitimação estando presente no seu relato informações importantes, ou seja, como se iniciou o assédio, o tipo de relação entre a vítima e o *stalker*, os comportamentos do perpetrador, as reações da vítima, o impacto, o tipo de apoio a que recorreram e as estratégias de *coping* usadas, permitindo que os investigadores tenham uma ideia mais realista de como é, de facto, percecionada a experiência de vitimação.

Este estudo é de natureza qualitativa e o seu grande objetivo é explorar, identificar e compreender, em profundidade, as diferentes experiências de assédio persistente. Desta forma, pretendemos contribuir para a partilha e desenvolvimento do conhecimento científico no âmbito desta temática.

1. *Stalking*

1.1. Conceito

Apesar de não ser um fenómeno novo, não existe um consenso quanto à definição exata deste tipo de crime, que é designado universalmente por *stalking*. No entanto, de acordo com os autores, existe consonância quanto ao que se refere, considerando algumas dimensões. É uma forma de violência que envolve um conjunto de comportamentos de assédio praticados de forma persistente sobre alguém sem que esta o deseje e/ou consinta. De acordo com Grangeia e Matos (2010) o *stalking* é um “padrão de comportamentos de assédio persistente, que se traduz em formas diversas de comunicação, contato, vigilância e monitorização de uma pessoa-alvo”. Pode definir-se como uma forma de violência relacional, que afeta qualquer pessoa independentemente do seu género, etnia, religião, idade, estado civil e posição social (Matos et al., 2019; Spitzberg & Cupach, 2007). Na língua portuguesa não existe um termo específico para definir *stalking*, mas sim algumas expressões que vão ao encontro desta expressão anglo-saxónica e de difícil tradução na nossa língua: e.g., “assédio persistente”; - designação mais correta considerada pela APAV - “fixação doentia”; “perseguição obsessiva”; “campanha de assédio” (Carvalho, 2010; Luz, 2012; Teixeira, 2017). Considero importante a adoção de um termo específico, em Portugal, para que na nossa língua haja um termo que traduza, de forma eficaz, este conceito de “*stalking*”.

Ao contrário do que se dizia inicialmente - que o assédio persistente estava associado às celebridades que eram perseguidas por fãs, ou seja, pessoas que não conheciam – e após vários estudos desenvolvidos ao longo dos anos, este tipo de crime está mais associado às relações de intimidade, ou seja, aquelas em que normalmente a vítima conhece o seu *stalker* e já houve ou há uma relação de intimidade. Quanto mais próxima a relação entre vítima e *stalker*, maior é a diversidade e a duração da perseguição, alienada a uma estratégia de poder e controlo (Ferreira, 2013; Matos et al., 2019; Sheridan & Lyndon, 2011).

As ações/comportamentos que hoje se denominam de *stalking*, durante séculos foram vistos como condutas românticas, de demonstração de amor e carinho por alguém, legitimando a perseguição e os contatos indesejados (Skoler,

1998). Ao olharmos para os comportamentos de forma isolada, a tendência é para os caracterizar como normais, ações que fazem parte do processo de cortejamento, mas neste tipo de fenómeno temos de saber identificar os comportamentos e olhá-los como um todo, ou seja, analisar um conjunto de comportamentos que, na sua persistência e também pela sua imprevisibilidade, podem ser tomados como uma campanha de assédio contra a vítima. Aparentemente os comportamentos são inofensivos, mas podem escalar para ações intimidatórias para a vítima que constroem a sua liberdade de decisão e de ação, e, com o tempo, há uma escalada de frequência e severidade, ou seja, os comportamentos passam a ser perpetrados com maior frequência e a escalam na severidade, havendo a possibilidade de associação a outros tipos de violência, seja a nível físico, psicológico, verbal e/ou sexual (Luz, 2012; Matos et al., 2019). A título de exemplo, passo a identificar três ações rotineiras e aparentemente inofensivas que são usadas para cortejar alguém: deixar um bilhete com uma mensagem no vidro do carro; deixar um ramo de flores à porta de casa; telefonemas constantes. Do ponto de vista isolado e de um certo senso comum, tendencialmente descontextualizador, estas ações são legitimadas pela sociedade; no entanto, com o passar do tempo, há uma escalada na severidade destes comportamentos podendo estar presente outros conteúdos como, tirar fotografias sem autorização, estar constantemente presente nos locais que a vítima normalmente frequenta, seguir a pessoa-alvo no caminho para o trabalho, entre outros. Estes comportamentos por não serem consentidos pela vítima e apresentarem-se como inadequados e desajustados, devido à sua persistência e constante vigilância interferem com a segurança e liberdade da vítima. Podem gerar sentimentos negativos que interferem com o seu normal funcionamento do dia-a-dia, prejudicando-a a vários níveis, sendo o mais comum o impacto psicológico. Ao verificarmos estas ações como um todo já as identificamos como não sendo inofensivas e rotineiras, acabando por reconhecer uma campanha de assédio persistente que intimida a vítima causando medo, instabilidade e mal-estar que comprometem a sua liberdade (Matos et al., 2019; Mullen et al., 2001; Sheridan et al., 2003).

“A perseguição é um crime extraordinário, visto que muitas vezes pode consistir em nada mais do que a repetição planeada de um comportamento aparentemente comum ou rotineiro” (Sheridan et al., 2003), tornando-se difícil de

provar a existência de crime, perante a justiça. Muitas vítimas apagam as mensagens, deitam fora os presentes, etc., sem darem conta de que estão a desfazer-se de provas materiais cruciais e que são necessárias para dar consistência a uma investigação policial em curso e, dessa forma, ter como fundamentar com evidências materiais as queixas apresentadas.

1.2. Tipologia de *Stalkers*

Para classificar um *stalker* temos de ter em atenção a três critérios: a estrutura psicológica do perpetrador, ou seja, a existência ou não de patologia mental, a existência ou não de uma relação com a vítima e as motivações que o levam a praticar todos aqueles comportamentos. Perante os dados recolhidos, na sua maioria os *stalkers* são do sexo masculino, não obstante a existência de *stalkers* do género feminino que criam, ou podem criar, tanto impacto na vítima como um perpetrador homem. De acordo com Mullen e colaboradores (2001), podem considerar-se cinco tipos de *stalker* aos quais devemos conceder atenção:

1. O *Stalker* Rejeitado, aparece como o tipo mais comum. Inicia o seu assédio após o fim da relação, com sucessivas tentativas de reconciliação ou por uma questão de vingança. Distingue-se por ser o tipo de perpetrador mais intrusivo (a relação íntima dá-lhe a vantagem do conhecimento sobre a vítima), mais persistente e com maior probabilidade de escalar para comportamentos violentos. Apresenta maior diversidade e frequência de comportamentos, maior risco de violência física, de persistência e de reincidência. “Agora é amplamente reconhecido que os perseguidores ex-parceiros representam uma grande, se não a maior, subcategoria relacional de perseguidores.” (Sheridan et al., 2003);
2. *Stalker* à procura de intimidade, considerado como sendo uma pessoa isolada que através da fantasia cria uma relação amorosa com a vítima e tenta estabelecer contacto com a mesma, independentemente de corresponder ou não à sua vontade;
3. *Stalker* pretendente incompetente, apresenta fracas competências sociais e intelectuais, desenvolvendo uma fixação por uma pessoa desconhecida ou com quem mantém contato mínimo, com o objetivo de iniciar uma relação

amorosa. Normalmente, o perpetrador, não investe muito tempo nas condutas de *stalking*, dirigindo a sua atenção a outra vítima caso não seja bem-sucedido na anterior;

4. *Stalker* Ressentido, considera que a vítima o prejudicou e procura vingar-se, mantendo um sentimento de ressentimento constante. É movido pelo desejo de criar medo e angústia na vítima recorrendo a ameaças e a ações intimidatórias de forma a ter o máximo de impacto negativo. Pode ser perpetrado de forma anónima, tornando-se um *stalker* desconhecido gerando emoções mais negativas.
5. *Stalker* predador, investe na perseguição recolhendo o máximo de informações sobre a vítima que o ajudem a perpetrar a agressão que normalmente é um ataque de cariz sexual. É motivado pelo sentimento de poder sobre a vítima.

1.3. Tipologia de Vítimas

As vítimas, por si só, também não são todas iguais. De acordo com os dados recolhidos, na sua maioria as vítimas são do sexo feminino e os *stalkers* são maioritariamente do sexo masculino (Pathé & Mullhem, 1997), como seria de esperar em sociedades patriarcais, com culturas de dominação de género. Tal como é possível construir uma tipologia para os *stalkers*, o mesmo ocorre para uma tipologia de vítimas (Matos et al, 2011; Pereira, 2014).

1. Vítimas de ex-parceiros. Após o termo término de uma relação, o ex-companheiro inicia a sua perseguição. Este assédio pode ser perpetrado através de agressões físicas e ameaças. Os comportamentos de *stalking* são duradouros e frequentes.
2. Vítimas de conhecidos ou amigos. Estas vítimas tendem a ser perseguidas após um encontro casual. Normalmente o *stalker* procura estabelecer uma relação de intimidade.
3. Vítimas em contexto de uma relação profissional de apoio. Durante a relação profissional de apoio, o cliente pode desenvolver sentimentos, ou fantasiar com o profissional, dando início aos comportamentos de *stalking*. O assédio começa, tipicamente, após a interrupção da relação profissional de apoio.

4. Vítimas em contexto laboral está relacionado com o assédio persistente no contexto profissional, envolvendo sempre uma relação de poder desigual. Pode estar relacionado com o desejo de iniciar uma relação de intimidade ou por vingança. Pode envolver trabalhadores, clientes ou colegas.
5. Vítimas de desconhecidos, têm pouca probabilidade de sofrerem condutas violentas. O perpetrador não costuma ser perigoso, mas não deixa de causar medo na vítima. Mesmo não existindo violência, os comportamentos usados pelo *stalker* podem, por si só, causar impacto psicológico sem ter havido violência física.
6. Celebidades vítimas, normalmente são assediadas por vários tipos de *stalker*, os que procuram intimidade, o predador e o pretendente incompetente. Devido à segurança apertada que as celebridades requerem, a violência nem sempre está muito presente.
7. Falsas vítimas, “são acusadas pelos *stalkers* de cometerem condutas persecutórias. Assim, o *stalker* pode contactar legalmente com a vítima e, geralmente, assume uma posição de retaliação” (Pereira, 2014). As perturbações mentais podem estar presentes nesta categoria de vítimas, como por exemplo, os delírios e as alucinações. Por vezes, ex-vítimas de assédio persistente, associam comportamentos aparentemente normais a comportamentos de *stalking*, como consequência da sua experiência de vitimação anterior, estando presentes os sentimentos de hipervigilância e desconfiança. Uma falsa vítima pode ser alguém com alguma perturbação a nível psicológico ou uma ex-vítima que mesmo tendo ultrapassado a sua experiência de assédio, os sentimentos negativos gerados por esse acontecimento continuam presentes.

1.4. Comportamentos de *Stalking*

Tal como referido anteriormente, os comportamentos perpetrados por um *stalker* podem parecer, aparentemente, inofensivos. A sociedade tem o hábito de legitimar estas ações, caracterizando-as como carinhosas, que demonstram afeto e que são usadas para conquistar a pessoa de quem se gosta. Infelizmente, às vezes, nem a vítima se apercebe de imediato que está a ser assediada. Assim,

temos de olhar para estes comportamentos como um todo e não os individualizar nem isolar do seu contexto, tendo presente que estas condutas que parecem ser inofensivas podem escalar e tornarem-se extremamente intimidatórias para as vítimas, marcando as suas vidas através do medo, instabilidade e mal-estar (Mullen et al., 2001; Sheridan et al., 2003).

De acordo com Spitzberg e Cupach (2007), o assédio persistente prolongado no tempo, deve incluir, no mínimo, dois comportamentos e ter a duração mínima de duas semanas, podendo durar meses ou anos (Purcell et al., 2004).

Os comportamentos podem ser variados e, serem por si só, muito ou pouco intimidatórios para a vítima. O Grupo de Investigação sobre *stalking* em Portugal, da Universidade do Minho, desenvolveu em contexto nacional pela primeira vez, um inquérito de vitimação por *stalking*. Matos e colaboradores (2010) detetaram várias condutas perpetradas pelo *stalking* que eram indesejadas pela vítima, distinguindo três como sendo as mais frequentes e com maior percentagem: tentativas indesejadas de contato (79.2%); frequentar os mesmos locais que a vítima de forma obsessiva (58.5%); e a perseguição (44.5%). Outros comportamentos que também podem estar presentes: invadir e/ou forçar entrada em casa; filmar ou tirar fotografias sem autorização; o perseguidor ameaçar fazer mal a si próprio, ou seja, tenta fazer chantagem psicológica com a vítima para que esta permita que ele estabeleça contato; ligar para a casa da vítima, para o trabalho ou para a escola; seguir e/ou vigiar a vítima; enviar presentes, cartas ou fotografias indesejadas; ameaçar a vítima ou as pessoas mais próximas e/ou prejudicar o seu novo parceiro (Coleman, 1997). Estes comportamentos podem escalar em frequência e severidade, havendo relatos de violência física e abuso sexual (Spitzberg, 2002).

1.5. Impacto e Consequências nas Vítimas

Ao entendermos que o assédio persistente é um tema complexo, multifacetado, socialmente expressivo e que traz consequências para as vítimas apresentando um impacto negativo significativo a vários níveis (Leite, 2017), conseguimos, também, perceber a importância de fazer frente a este fenómeno. O *stalking* é mais recorrente do que aquilo que efetivamente achamos e, com ele, traz

efeitos nocivos para a vítima que devem ser explorados e sempre que possível, impedidos. Através da literatura, verificou-se a existência de níveis mais altos de sintomatologia psicopatológica por parte da vítima quando esta está exposta à ameaça durante um longo período de tempo causando sentimentos de insegurança, de falta de controlo da sua vida como, por exemplo, a negação à sua liberdade (e.g., Haugaard & Seri, 2003; Matos et al., 2011; Spitzberg & Cupach, 2007; Spitzberg et al., 1998; Tjaden & Thoennes, 1998).

As consequências nas vítimas que advêm do assédio persistente podem ser a nível físico, psicológico e no estilo de vida (Ferreira & Matos, 2013; Matos et al, 2011). De acordo com Matos e colaboradores (2011), no que toca à saúde física, as vítimas podem experienciar distúrbios digestivos, dores de cabeça, alterações ao nível do apetite, maiores níveis de fraqueza e de cansaço. Quando o *stalker* parte para a violência física, temos: e.g., os hematomas, queimaduras, ferimentos de arma branca ou de fogo. De acordo com a experiência de cada vítima e perante os estudos nesta área, quando aparece a questão de, “a que nível é que sentiu maior impacto”, a resposta é unânime: saúde mental. Podemos estar perante vários sintomas, e.g., a desconfiança, o medo, hipervigilância, desânimo, falta de controlo, ansiedade... Esta sintomatologia pode evoluir para perturbações psicopatológicas (e.g., depressão *major*, perturbações de stress pós-traumático - PTSD - e outras perturbações de ansiedade). Respetivamente ao estilo de vida, e.g., observa-se mudanças na rotina diária; alteração de residência e/ou trabalho; redução dos contactos a nível social. Para além destas alterações pode haver, também, impacto a nível económico, devido às despesas acrescidas em resultado de se autoprotger como por exemplo a mudança da fechadura da habitação; alteração do número de telemóvel; despesas legais; e/ou redução do salário, no caso de perda de dias de trabalho.

De acordo com a revisão da literatura, o medo é o preditor mais poderoso quando falamos em impacto, influenciado pela imprevisibilidade da campanha de assédio e a ameaça explícita assim como o perseguidor ser um ex-parceiro íntimo (Sheridan & Lyndon, 2011), porque detém um maior conhecimento da vítima (e.g., das suas rotinas, dos seus gostos, quem são os seus amigos, etc.) e o risco de reincidência e persistência é maior (Mullen et al., 2001). Esta experiência de vitimação pode ter vários níveis de gravidade e o seu impacto depende, também,

de como é experienciado pela própria vítima e alguns sintomas podem ser resultado de uma vulnerabilidade psicológica já existente (Sheridan et al., 2003).

Os profissionais de saúde têm de obter especializações/formações neste ramo para conseguirem ajudar a vítima da forma mais correta e com a máxima sensibilidade que este tema exige. É um crime que existe sem ser visto, difícil de provar, mas que consegue ter um impacto extremamente devastador na vítima.

1.6. Apoio e Estratégias de *Coping*

Como referi anteriormente, o assédio persistente pode ser experienciado de diversas formas e ter um impacto diferente em cada vítima, independentemente de os comportamentos terem sido os mesmos, ou o contexto em que ocorreu ser igual ou semelhante. Cada caso é um caso e as pessoas são todas singularmente diferentes, detêm características próprias e únicas, com a sua própria construção da realidade, a sua maneira peculiar de sentir e reagir perante as adversidades da vida. O *coping* reside na adoção de estratégias que nos ajudam a adaptar a novos contextos exigentes; são mecanismos cognitivos e comportamentais para fazer face a essas mesmas situações exigentes e novas que são causadoras de stress.

De acordo com o modelo de Grych e colaboradores (2015), as vítimas tendem a empreender um conjunto de estratégias diferentes de acordo com a sua experiência, ativando recursos pessoais e interpessoais. Quando o assédio é prolongado no tempo, as vítimas vão adaptando as suas estratégias de *coping* de forma a lidar com a situação, vendo o que resulta melhor, o que é mais eficaz face ao *stalker*, acabando por originar um desenvolvimento nas suas competências e novas aprendizagens para fazer jus ao assédio persistente, dando-lhe um sentido de controlo e autonomia na gestão da experiência de vitimação, sentindo-se um bocadinho mais no controlo da situação (Leite, 2017).

Perante os dados obtidos através da literatura, existem estratégias adotadas pelas vítimas, mais eficazes e positivas e menos eficazes e contraproducentes, face a esta prática de crime, o que pode promover a escalada de comportamentos e violência do perseguidor, ou seja, se as estratégias tomadas não forem as mais adequadas pode levar o *stalker*, por exemplo movido pela raiva, a aumentar a frequência dos seus comportamentos e a adoção de condutas mais violentas

colocando a vítima em maior perigo (Ferreira & Matos, 2013; Spitzberg & Cupach, 2007). As estratégias foram agrupadas em cinco categorias entendendo duas subcategorias, as menos eficazes e contraproducentes – negociar com o/a *stalker* (a vítima assume uma postura pacífica com o intuito de cessar com os comportamentos do perpetrador); confrontar o/a *stalker* (a vítima adota uma atitude intimidatória sobre o perseguidor); negar, minimizar a experiência de vitimação (a vítima recorre à prática da meditação, medicação ou substâncias que causam mudanças nos seus comportamentos e na sua percepção) – e as mais eficazes - evitar e afastar o/a *stalker* (a vítima recusa qualquer tipo de contato com o perseguidor); solicitar o apoio de terceiros (a vítima procura ajuda de familiares e/ou amigos), (Spitzberg, 2002; Spitzberg & Cupach, 2007). De acordo com o estudo efetuado por Ferreira e Matos (2013), 60,7% dos inquiridos pediram ajuda a amigos e familiares, 53,3% recorreram à estratégia de negociar com o perpetrador, 40,2% enfrentaram o *stalker*, 39,3% procuraram apoio formal, 35,5% optaram por evitar o perseguidor e 20,6% negaram ou minimizaram a experiência de vitimação. Ao verificarmos os estudos de Geistman e colaboradores (2013) e de Walby e Allen (2004), verificamos que ambos são consistentes quanto ao tipo de apoio mais usado pelas vítimas: o apoio informal, onde estão presentes a família e/ou amigos. Quando estas recorrem a este tipo de apoio em vez do formal (institucional) e são bem-sucedidas conseguem o suporte emocional e instrumental necessário para se sentirem em segurança, não querendo assim recorrer a outro tipo de apoio. No entanto, existem muitas vítimas que não usam qualquer tipo de apoio, e isso pode ser justificado pela vergonha, ou seja, vítimas que nunca sofreram qualquer tipo de violência podem ter vergonha e dificuldades em assumir que precisam de ajuda e que estão a ser perseguidas. Pode dever-se também, ao facto de não terem sofrido desse tipo de comportamentos antes, e dessa forma não os conseguir identificar, não se considerando vítimas, ou simplesmente por banalizarem e minimizarem a experiência de vitimação (Ferreira & Matos, 2013).

2. Estudo Empírico

2.1. Participantes

A recolha de dados foi realizada online, através de uma entrevista semiestruturada realizada na plataforma Skype. Devido à situação de pandemia causada pela doença COVID-19 e de forma a proteger a saúde dos participantes, optamos pelo contato não-presencial. A divulgação do estudo foi feita através das redes sociais, de modo a facilitar o acesso à população pretendida. Não obstante, foi mencionado de forma clara e objetiva que o estudo é de carácter anónimo e voluntário, disponibilizando um contacto de e-mail para os participantes usarem para esclarecimento de dúvidas adicional e/ou caso tivessem interesse no conhecimento dos resultados globais desta investigação (Anexo 1).

Para poderem participar no estudo, os inquiridos tinham, como principais requisitos de inclusão (a) idade mínima 18 anos; (b) residentes em Portugal Continental ou Regiões Autónomas dos Açores ou da Madeira e (c) terem sido vítimas de assédio persistente com duração mínima de 12 semanas. A recolha de dados decorreu nos meses de agosto e setembro de 2020. Assim, foram entrevistados oito participantes - cinco mulheres e três homens - com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos. Esta é uma amostragem por conveniência do tipo Bola de Neve (Patton, 2015).

2.2. Metodologia

As secções anteriores desta dissertação tiveram como objetivo dar a conhecer uma imagem da investigação científica feita neste campo e elucidar o leitor sobre esta problemática do que é o assédio persistente. É de enfatizar a afirmação da necessidade de haver mais estudos que contribuíssem para uma melhor compreensão do fenómeno principalmente no contexto português. Este tema foi escolhido, entre muitos, como sendo o mais promissor e o que necessita de mais conhecimento e investigação tanto para a população académica como para entre leigos, que em muitos casos, não se encontram familiarizados com o termo, mas antes com o que ele significa.

Através desta investigação pretendemos explorar e aprofundar o conhecimento sobre o tema, assim como dar a conhecer de forma simples e ao mesmo tempo rigorosa, a quem venha a ler o estudo. Pretendemos entender a (1) percepção das vítimas quanto à sua qualificação de *stalking*, encontrar (2) padrões de comportamentos do *stalker*, (3) obter as conceções das vítimas de assédio persistente sobre a sua experiência, (4) identificar a relação com o perpetrador e, (5) compreender o impacto e (6) perceber quais as estratégias adotadas pelas vítimas para evitar a experiência de *stalking* ou a sua continuação, assim como (7) o apoio a que recorreram.

Esta investigação foi realizada através de um estudo qualitativo. De acordo com Holanda (2006), a metodologia qualitativa é um dos métodos das ciências humanas e permite pesquisar, explicitar e analisar fenómenos que não são passíveis de serem medidos, “ao analisarmos, questionarmos, isolarmos, buscarmos a compreensão deste ou daquele fenómeno humano, estamos – na verdade – em busca de um modelo minimamente organizado que sirva como referência à compreensão do mesmo fenómeno (ou de fenómeno similar)”. De igual modo, permite interpretar o conteúdo de todo o tipo de documentos e textos, assim como fontes de conteúdo não-verbal, por exemplo, em observações das reações e linguagem corporal do entrevistado. Assim, recorreu-se a um método de análise do conteúdo de tipo categorial (Bardin, 2011), que se divide em três fases: (a) pré-análise (escolha de documentos, leitura dos mesmos, formulação de hipóteses e objetivos, referenciação dos índices e a elaboração de indicadores e, preparação do material); (b) exploração do material; e (c) tratamentos e interpretação dos resultados. Os dados presentes nos mais diversos materiais, neste caso em específicos as entrevistas, necessitam de ser processados para nos levarem à compreensão, interpretação e inferência dos resultados (Moraes, 1999).

De acordo com o pretendido nesta investigação, a análise de conteúdo é a que mais se adequa, dando sentido à experiência dos inquiridos e à forma como o contexto social impacta esses mesmos significados. Funciona tanto para refletir como para revelar a realidade dos indivíduos perante a sua experiência de assédio persistente. A opção por um estudo qualitativo, permite, através dos relatos das experiências das vítimas deste tipo de crime, alcançar a essência dessa mesma experiência, retirar significados com base nas suas descrições e na forma como as elaboram. Possibilita o entendimento do sentido que os sujeitos atribuem aos

acontecimentos, obtendo informação rica em conteúdo que permite ter uma noção mais específica e verdadeira da experiência vista pelos olhos de quem sentiu na pele o que realmente é ser vítima de assédio persistente (Merriam & Tisdell, 2016). A recolha de dados obriga-nos a ser cautelosos tanto na sua interpretação como na sua análise.

Uma entrevista, é rica em informação tanto no texto como nas expressões dos inqueridos que nos dizem tanto como as palavras que usam. Torna-se um modelo de entrevista mais flexível, com um conjunto de questões previamente redigidas, dando oportunidade de incluir novas questões à medida que a entrevista decorre e não necessitam de serem respondidas por ordem, dando liberdade ao entrevistado de falar fluentemente sobre o tópico a ser abordado e de organizar o seu próprio discurso. O guião foi construído com base na pesquisa bibliográfica, adotando uma abordagem dedutiva, que permitiu usar como ponto de partida as informações recolhidas e ao longo do processo de análise, surgiram novos dados que foram tidos em conta na construção das categorias. Assim, estamos perante uma abordagem dedutiva e indutiva (Moraes, 1999).

2.2.1. Método de recolha de dados

Os dados para este estudo foram obtidos através da análise de entrevistas individuais semiestruturadas, com questões previamente redigidas dando a liberdade ao entrevistado de falar sobre a sua experiência de assédio persistente da forma mais conveniente e sem uma ordem concreta. Este formato de entrevista permite o desenvolvimento de novas questões e, em alguns casos, a intervenção por parte do entrevistador para orientar sempre que necessário, respeitando sempre a forma como os participantes enquadram e estruturam as suas respostas. É de realçar que as entrevistas individuais permitem alcançar uma variedade de perceções e impressões, presentes nos indivíduos, face ao tema em estudo (Silva & Fossá, 2015).

A primeira secção do guião da entrevista é constituída por cinco questões para obtenção de dados sociodemográficos. A segunda secção é composta por duas questões específicas – questões sonda, que procuram o detalhe - e uma mais geral com questões de follow-up de natureza exploratória (Patton, 2015) (Anexo 2). Como instrumento de coleta de dados primário, foram realizadas oito entrevistas, de aproximadamente 45 a 60 minutos e foram gravadas através de uma aplicação

própria de áudio e transcritas de forma integral, inclusive expressões não verbais e sons dentro do discurso para posterior análise. A escolha pelas entrevistas semiestruturadas, permite dar liberdade ao entrevistado de falar abertamente sobre as questões, mas ao mesmo tempo não nos perdemos em informação desnecessária que dificultaria a análise, havendo sempre o foco nos objetivos traçados e permite-me obter um maior conhecimento/entendimento e captação da perspectiva dos sujeitos. O anonimato foi assegurado, não incluindo nomes nem nenhuma informação que pudesse identificar o inquerido tendo, os nomes, sido substituídos por uma letra aleatória diferente para cada entrevista (Braun & Clarke, 2013).

2.2.2. Método de análise de dados

Para a análise dos dados recorri à análise de conteúdo, para identificar, analisar e encontrar padrões nos dados obtidos, sendo adequada para este estudo, pois procuramos descrever, classificar e interpretar o fenómeno em questão.

Após a transcrição total das entrevistas, foram realizadas várias leituras para conseguir retirar toda a informação disponível. A codificação deu-se em função da repetição de palavras, expressões e/ou significados e uma vez triangulada com os resultados, dá-se início à constituição de unidades de registos e à contabilização da frequência, ou seja, o número de vezes que, por exemplo, determinada expressão aparece no conjunto das entrevistas. Posteriormente, procedeu-se à categorização. Tal como referido anteriormente, optamos por uma abordagem dedutiva e indutiva, o que me permite edificar as categorias ao longo do processo e de acordo com os dados obtidos. Dá-nos a possibilidade de refazer, várias vezes, as categorias até conseguir incluir todas as unidades de registo originando, posteriormente, as subcategorias de nível 1 (N1) e as subcategorias de nível 2 (N2).

3. Resultados

É importante ressaltar que não há uma forma única e específica de vivenciar a experiência de assédio persistente, uma vez que cada indivíduo tem a sua própria história e as suas próprias vivências, a sua própria forma de lidar com os acontecimentos. Duas pessoas podem estar a passar pelo mesmo tipo de experiência e enfrentar de forma diferente, o impacto pode ser muito negativo numa pessoa e na outra não, tudo depende da sua própria forma de encarar, das ferramentas que têm disponíveis, sejam elas intrínsecas ou extrínsecas.

Na amostra em estudo, ao fazer a análise dos dados recolhidos, verificamos a presença de quatro categorias¹ centrais com subcategorias N1² e N2³ (Anexo 3). A categoria **Experiência de assédio** diz respeito à descrição da experiência de assédio percebida pela vítima, permitindo saber a tipologia do *stalker* e ao mesmo tempo o seu género, a duração do assédio, os comportamentos sofridos, o tipo de contato e estratégias utilizadas pelo perpetrador na sua campanha de assédio.

Ao criar uma categoria que se autointitula como **Vítimas**, pretendemos entender, o impacto gerado por toda esta experiência que, para além da descrição obtida dos comportamentos utilizados pelo *stalker* corroborando a literatura, permite-nos extrair exatamente como os inquiridos se sentiram e sentem, o tipo de mudanças que surgiram daí, assim como as *conceções* presentes da sua experiência de vitimação e a própria *perceção* do que é de facto este fenómeno intitulado de, usando a designação portuguesa, assédio persistente. Na subcategoria sentimentos foram acrescentadas duas subcategorias N2: (*stalker*) *conhecido* vs (*stalker*) *desconhecido*. As emoções geradas por este tipo de experiência foram mais intensas e com um impacto mais negativo quando o assédio era perpetrado por desconhecido comparativamente à conotação, dada pelas vítimas por um *stalker* conhecido que era mais leve, ressaltando dois casos particulares que irão ser abordados posteriormente.

¹ As designações das categorias foram colocadas a **negrito**, com o objetivo de facilitar a compreensão dos resultados.

² As designações das subcategorias N1 foram colocadas com sublinhado.

³ As designações das subcategorias N2 foram colocadas a *italico*.

Os **Recursos** são um ponto importante na experiência de vitimação, pois permitem-nos entender e explorar as estratégias utilizadas pelas vítimas, para fazer face ao assédio com o objetivo de o cessar, assim como, o/s apoio/s ao/s qual/is recorreu. Subdivide-se em outras duas subcategorias N2: as *formais* que dizem respeito aos serviços disponíveis para este tipo de crime (e.g., o sistema policial e judicial, psicólogos); e *informais* (e.g., família, amigos), que por vezes podem ser eficazes ou ineficazes.

Por fim, a **Sociedade** é incluída em alguns relatos. São referidas as conceções ainda presentes na nossa cultura que acabam por demonstrar, mais uma vez, como os comportamentos podem ser legitimados retirando-lhes a devida importância e o seu grau de gravidade.

3.1. Experiência de assédio

Nesta categoria agrupam-se os dados relativamente à experiência percecionada pelas vítimas, destacando-se apenas informação sobre o perpetrador. Foi subdividida em três subcategorias N1 com o objetivo de entender e recolher informação relativa aos comportamentos perpetrados pelo *stalker* na sua campanha de assédio (*“estava à porta do meu apartamento”*; *“andava sempre a espiar-me”*; *“controlava todos os passos que eu dava”*; *“ia ver onde eu estava e com quem”*; *“apareceu-me em casa às tantas da noite a tocar-me à campainha”*; *“agrediu-me fisicamente”*; *“fazia chantagem psicológica comigo”*; *“tirou-me o telemóvel para ver as minhas mensagens”*; *“controlava as minhas redes sociais, os meus comentários, os gostos”*; *“criou perfis falsos”*; *“tentava manipular-me”*; *“ameaçou os meus amigos”*; *“agrediu a minha amiga”*; *“difamou-me nas redes sociais”*; *“ligava-me constantemente”*; *“ligava-me através de outros números”*; *“ligava-me em número privado”*; *“estava constantemente a pôr gostos e a comentar as minhas fotos no facebook”*; *“estava à minha espera à porta da escola”*; *“enchia-me a caixa de e-mails”*; *“fez chantagem psicológica comigo, que se ia suicidar se eu não voltasse para ela”*; *“seguir-me de carro durante 1h”*; *“ligava-me a fingir que era outra pessoa e inventava informações”*; *“convencia-me a ficar em casa com ele”*; *“agarrou-me no braço”*; *“envia-me imensas mensagens seguidas, mas mesmo muitas”*; *“tentava contactar-me por todos os meios possíveis, facebook, instagram,*

whatsapp; “foi para a minha terra à minha procura”; “ligou para a minha mãe”; “acusava-me de o estar a trair”; “envolveu a mãe dele”; “deixou-me um lençol com uma mensagem na rua, no muro, em frente à minha janela do meu quarto a dizer ‘fica comigo, eu amo-te’”; “apareceu no meu apartamento”; “deixaram um bilhete no meu carro a descrever-me detalhadamente”; “tocava-me no corpo sem a minha autorização”; “queria controlar o que eu vestia”; “estive parado dentro do carro do outro lado da rua de noite”; “mandava-me mensagens de outros números por eu o ter bloqueado”; “seguir-me”; “aparecia nos mesmos sítios que eu estava”; “eu quando chegava ao café ela já estava lá, ou outro lado que eu costumasse ir e ela sabia e eu chegava e já estava lá ou aparecia entretanto”), assim como a que tipologia correspondente (“o meu ex-namorado”; “o meu instrutor de condução”; “eu não sabia quem era”; “começámos a falar, mas eu não desenvolvi interesse”; “a minha ex-namorada”) e a duração da experiência de assédio (“durou cerca de três anos”; “uns dois anos”; “durou uns 6 meses”; “foi durante 4 meses”). Permite compreender a dinâmica entre o tipo de *stalker* presente no relato da vítima e os comportamentos adotados pelo mesmo sendo que, de acordo com os dados recolhidos, os mesmos tipos de comportamentos são usados por todos os diferentes tipos de perpetradores. Neste estudo, foi possível seleccionar duas subcategorias N2 para incluir os tipos de *stalker* presentes: *conhecido - stalker* rejeitado (5 pessoas); *stalker* pretendente incompetente (1 pessoa); *stalker* à procura de intimidade (1 pessoa) - ; e, *desconhecido - stalker* ressentido (1 pessoa). No que toca às tipologias, *stalker* rejeitado (3 pessoas) e, *stalker* à procura de intimidade, verificou-se que apesar do impacto negativo que a experiência de vitimação teve na vida dos inquiridos, estes foram capazes de ultrapassar sem grandes marcas emocionais, no entanto, quando falámos no *stalker* pretendente incompetente, a inquirida demonstrou nervosismo durante a entrevista, o que permite identificar marcas emocionais que ainda se encontram presentes, mesmo com a cessação do assédio (“*continuo a sentir-me mal quando o vejo*”; “*continuo a sentir medo dele*”). Foi possível identificar maior impacto, em dois casos particulares, nas tipologias *stalker* rejeitado e *stalker* ressentido, que irão ser destacados mais à frente.

3.2. Vítimas

Ao formar esta categoria foi possível encaixar informações focadas apenas nas vítimas. Permitiu-nos recolher as suas percepções do que é de facto o assédio persistente: em que consiste (*“são comportamentos mais agressivos”; “perseguição online”; “alguém que de forma não autorizada e deliberada te persegue em diferentes contextos; “perseguir a pessoa”*). As vítimas associam o assédio persistente à perseguição online, estando diretamente ligado e designa-se por *cyberstalking*, ou seja, é o uso de ferramentas tecnológicas para perseguir/assediar uma pessoa através da via virtual). O assédio é, muitas vezes, perpetrado via online, essencialmente, através das redes sociais e está muito presente nas experiências dos/as entrevistados/as. O *stalker* tem acesso à mais variada informação sobre a vítima, permitindo-lhe a obtenção de um vasto leque de conhecimento sobre a mesma (Pires et al., 2018). O perseguidor pode tentar contactar a vítima pelas diversas aplicações existentes, sendo as mais usadas: o Facebook; o Instagram; e, o WhatsApp (*“se eu a bloqueava no Facebook, eça ia para o insta, bloqueava no insta mandava para o WhatsApp”; “ela criava novos Instagram, criava novos Facebook”; “ele ligou-me para o WhatsApp, o Messenger”; “tive de o bloquear no insta e no face porque ele estava constantemente a pôr gostos e a deixar comentários como se fossemos namorados”*). Através delas podem, por exemplo, enviar mensagens; ligar; fazer publicações; podem criar novos perfis para nova tentativa de contato e de perseguição; controlar as suas partilhas, etc. (*“tentava contactar-me pelas redes sociais”; “controlava as minhas redes sociais, os gostos, os comentário”; “criou perfis falsos”; “difamou-me nas redes sociais”; “enchia-me a caixa de e-mail”; “nas redes sociais ela ia controlar quem é que eu seguia, quem é que eu metia like, quem é que me seguia”*); e, as suas conceções sobre a sua experiência de assédio, a forma como a vê e como a compreendem e como a expressão (*“são coisas que tiram tempo, tiram energia, que te tiram segurança, a percepção de segurança é muito importante e se em primeiro lugar a mulher não é igual ao homem socialmente e já temos muito mais medo de andar na rua do que um homem tem que ter, acresce-lhe a isso o não saberes quem é que anda atrás de ti, não saberes quem é que nada. Criar perfis falsos, não saberes quem é que isto e aquilo”; “não é fácil eu ter confiado numa pessoa que no fim só me fez mal e sabia que o estava a fazer porque ele queria*

impor a presença desse”; “não consigo porque não sei o que possa vir a passar novamente”).

Para além de compreendermos a forma como a vítima entende e expressa a sua experiência de *stalking*, também temos de ter em conta os sentimentos que foram gerados e a conotação dada, apresentando-se mais negativa quando o *stalking* foi perpetrado por um *desconhecido* (“não me sentia segura”; “andava paranoica”; “sentia-me observada a toda a hora”; “eu não sabia quem era a pessoa e isso é o que me assustava mais”; “tinha medo de estar sozinha em casa”; “é um medo invisível”; “medo constante quando acontecia algo diferente”), não obstante o impacto, também ele negativo, quando o autor é *conhecido* (“tinha medo de sair de casa”; “senti-me privado de ter uma vida social”; “sentia medo dele”; “sofri muito”; “ficava com medo porque não sabia até onde é que ele podia ir”; “sentia que não podia ser eu próprio”; “tinha receio de estar com outras pessoas porque ela podia ver”; “tirou-me a minha liberdade”), estando, aqui, incluídas as tipologias de *stalker* por ex-parceiro e por conhecido.

Quando falamos em assédio persistente temos também de abordar as consequências/impacto que advêm dessa experiência, pois permite-nos perceber em que áreas da vida da pessoa é que houve alterações, quais os efeitos reais que esta campanha de assédio teve na vítima (“perdi um ano de faculdade”; “sempre que entro no carro tranco a porta”; “perdi amigos”; “interferiu com o meu trabalho, com o meu rendimento”; “sou uma pessoa diferente, mais negativa em relação a relacionamentos”; “continuo a sentir medo dele”; “mal dormia”; “passei a ser mais cauteloso”; “acabei por ficar de pé atrás com toda a gente”; “ainda mexe muito comigo atualmente”; “tive pesadelos durante algum tempo”; “deixei de ter vontade de conhecer alguém a esse ponto”; “afetou a minha relação com os meus pais”). Perante os dados recolhidos temos presente um impacto negativo em diferentes áreas da vida, destacando-se o nível psicológico; este foi o mais afetado e, as vítimas, muitas vezes, culpabilizam-se por terem deixado acontecer (“se me tivesse metido mais firme”).

No que toca ao nível afetivo, verificámos a dificuldade em criar novas relações e/ou mantê-las (“deixei de ver as coisas tão floridas, mesmo que esteja tudo bem eu não consigo acreditar que estão mesmo”); na autoeficácia houve altos e baixos a nível académico e no local de trabalho; a perceção de falta de poder de controlo da sua própria vida (“continuo a sentir-me mal quando o vejo”). O impacto

destaca-se mais negativo e com maiores consequências emocionais a longo prazo, nos casos em que o perpetrador é uma mulher (PM) e a vítima é homem (HV) vs perseguidor homem (PH) e vítima mulher (VM). Os comportamentos adotados por PM são idênticos aos usados por PH, no entanto, a sua frequência é mais elevada e a campanha de assédio apresenta-se mais intensa e mais intrusiva, originando emoções mais fortes e causando um impacto, sentido, como mais devastador, semeando problemas emocionais a longo prazo.

3.3. Recursos

Aqui estão presentes os dados relativamente ao tipo de estratégias adotadas pelas vítimas para fazer face ao assédio persistente, ou seja, o que fazer para tentar combater esta perseguição de forma a pôr fim à mesma (*“nunca cedi a nenhuma destas chamadas”; “não respondia às mensagens”; “acho que apaguei um bocado a memória dessa altura”; “deixei de estar tão presente nas redes sociais; não publicava tantas coisas”; “bloqueei-a nas redes sociais”; “baixo sempre a cabeça para ele não me reconhecer”; “bloqueei o número dela”; “só quis tentar esquecer tudo o que se passou”; “foquei-me nas aulas”; “comecei a sair mais com os meus amigos”; “virei-me para os estupefacientes”; “comecei a ser mais bruto”; “deixei de falar com os meus amigos e afastei-me deles”; “desliguei o telemóvel”; “ia acompanhada quando saía de casa”; “ok, já passou eu só não posso deixar que isto aconteça outra vez”; “não queria ir porque ele estava lá”; “tive de me vir embora”; “tentei passar má imagem minha para ela me deixar em paz”; “mudei de número”; “comecei a sair menos à noite”; “ele ameaçou-a com a polícia e ela parou”; “deixei de aceitar pedidos de amizade”*). No seu conjunto as estratégias demonstraram serem eficazes após um longo período de tempo. Por nenhuma delas ter tido um efeito positivo imediato, fez com que as vítimas tivessem de passar por uma experiência desgastante a nível psicológico e físico. Como estratégias ineficazes, destaca-se um caso particular, em que o inquirido, recorreu ao consumo de substâncias psicoativas e, como forma de tentativa de resolução de conflitos, o utilizou estratégias abusivas, recorrendo ao fator emocional e ao comportamento ameaçador (*“comecei a ser mais bruto”; “agredia-a fisicamente para me defender”*).

Durante e/ou após este processo, os inquiridos recorreram a um ou mais apoios, sejam eles do tipo *formal* (“*falei com uma psicóloga*”) que, neste caso particular, o intuito foi manter a experiência de vitimação no foro pessoal e foi utilizado por uma vítima homem; ou *informal* (“*falei com umas amigas*”; “*contei à minha família*”; “*contei ao meu namorado*”; “*contei à minha mãe*”) sendo este o mais usado pelas vítimas de *stalking*. Independentemente do tipo de apoio adotado, os inquiridos afirmam que recorrerem a um terceiro é importante, são um pilar, um suporte essencial quer seja durante ou depois de cessado o assédio.

3.4. Sociedade

Apesar de não estar presente em todas as entrevistas, foi realçada por alguns entrevistados e é pertinente incluir esta categoria. Esta foi uma questão abrangida na introdução teórica onde está explícita a forma como, por vezes, os comportamentos desajustados adotados por um *stalker*, por vezes, vistos e percecionados pela sociedade como demonstrações de carinho, acabando por, na sua maioria, serem legitimados, dando origem a determinadas conceções incorretas (“*toda a gente fazia piada ‘ai tens um amigo secreto’*”; “*a minha tia desvalorizou, dizia que ele só queria ser meu amigo e coitado*”; “*diziam que eu até devia de me sentir bem com isso porque era sinal que ele gostava de mim e que queria estar comigo e que eu era importante para ele*”; “*és homem acaba com isso, estás a exagerar*”.

4. Discussão

Como tenho vindo a demonstrar, ao longo da presente investigação, a experiência de assédio não é percecionada por todos da mesma forma. O impacto que advém desse acontecimento pode ser mais ou menos negativo e afetar as vítimas de diferentes formas. No entanto, existem vários elementos comuns ao longo deste processo, fazendo sentido uma apreciação global, embora também destaquemos três casos particulares que merecem uma atenção individual e mais pormenorizada. Desta forma, este estudo pretende identificar e compreender as percepções e conceções do que é o *stalking* e como o experienciaram, assim como identificar padrões de comportamentos, o impacto e consequentes estratégias adotadas pelas vítimas e as suas fontes de apoio.

Embora este fenómeno seja mundialmente conhecido, só à cinco anos é que foi legalmente reconhecido em Portugal. Apesar de este tipo de violência estar presente na vida de muitas pessoas, a sociedade, na sua maioria, continua a menosprezar o impacto negativo que é causado a quem vive esta experiência. Os comportamentos são normalmente legitimados, sem haver a preocupação de olhar para eles como um todo, sendo este o erro mais comum da maioria das pessoas (*“toda a gente fazia piada”; “a minha tia desvalorizou, dizia que ele só queria ser meu amigo e coitado”; diziam que eu até deveria de me senti bem com isso, porque era sinal que ele gostava de mim”*). Quando a vítima é homem recorremos ao machismo, porque ser homem não pode significar ser vítima de uma mulher, se acontece a culpa é dele porque não é capaz de fazer frente (*“és homem acaba com isso, estás a exagerar”*). Este assunto continua a não ser olhado com a seriedade que merece.

Dois dos pontos abrangidos por esta investigação e que consideramos mais relevantes e importantes são, os sentimentos das vítimas e o impacto que esta experiência de vitimação tem nas suas vidas. Ao optar por fazer entrevistas consigo explorar, identificar e entender o impacto real, dando oportunidade para que se expressem abertamente sobre o assunto. De acordo com os dados obtidos, este tipo de crime afeta várias áreas da vida de uma pessoa, destacando-se a existência de níveis mais altos de sintomatologia psicopatológica. É causador de medo e insegurança, interfere com a liberdade da vítima dando-lhe a percepção de falta de

controle. A vítima sente-se controlada, com receio de fazer o que habitualmente fazia no dia-a-dia causando altos níveis de stress. Não sabe o que o perpetrador pode fazer a seguir, sentindo-se privada da sua liberdade. As vítimas entrevistadas reportam sentimentos de culpa quando o assédio persistente é perpetrado por um ex-namorado(a) (*“se me tivesse metido mais firme”; “se eu percebesse como eu cheguei até ali, não iria acontecer mais”*). Este crime afeta a autoeficácia da vítima, interferindo no desempenho das suas tarefas diárias, estando presente na redução da capacidade de manter a atenção, o foco (*“não me conseguia concentrar na faculdade nem consegui acabar”; “perdi um ano de faculdade”; “interferiu com o meu rendimento”; “interferiu com o meu trabalho”*). Associados a estes sentimentos, destacamos três casos particulares que, apesar de não poderem ser generalizados, vêm levantar questões pertinentes para futuras investigações. Quando o perpetrador é desconhecido, os resultados demonstram que, os sentimentos gerados são abrangidos por uma conotação mais negativa, apresentam maior peso e impacto na vítima (*“medo constante quando acontecia algo diferente”; “tinha medo de estar sozinha em casa”; “andava paranoica”; “é um medo invisível”; “não me sentia segura”; “sentia-me observada a toda a hora”*).

Apesar da existência de um número elevado de estudos relativamente a este fenómeno, a literatura nacional é escassa no que diz respeito ao assédio persistente por desconhecido, sendo reportado mais comumente o assédio por ex-namorado, apesar de haver sempre alguma referência a todas as tipologias. É certo que o maior número de casos relatados recai sobre a tipologia de *stalker* rejeitado, no entanto, há a necessidade de aprofundar o tema nas outras tipologias apresentadas. O facto de a vítima não conhecer o seu perpetrador, obriga-a a estar em constante alerta, a desconfiar das pessoas que a rodeiam, pois não sabe quem poderá estar por de trás das mensagens, dos telefonemas, dos bilhetes, dos e-mails, criando constante mal-estar, desgaste psicológico e até sentimentos de desespero, dada a impossibilidade de não conseguir modificar a situação em que se encontra, apresentando níveis altos de stress.

Durante esta breve investigação, destacaram-se os casos de homens vítimas e mulheres agressoras. Nestes dois casos particulares, ambos são perpetrados por ex-namoradas, inseridos na tipologia de *stalker* rejeitado. Os sentimentos e os comportamentos são idênticos quando o perseguidor é homem e a vítima é mulher vs PM e HV, no entanto, o impacto gerado por essa experiência

apresenta maior dano psicológico a longo prazo no HV. Apesar de existir impacto em várias áreas da vida de uma vítima de assédio persistente, a recuperação demonstrou-se mais eficaz na VM. A longo prazo esta experiência de vitimação passa a ser apenas uma memória e apresentam mais facilidade em ultrapassá-la. O panorama modifica-se quando falamos em HV, pois parece revelar sintomatologia psicológica mais gravosa, o impacto é maior e demoram mais tempo a ultrapassar a sua experiência de vitimação. A longo prazo verificou-se maior dificuldade na construção de relacionamentos amorosos (*“sou uma pessoa diferente, mais negativa em relação a relacionamentos”*) e baixos níveis de confiança em terceiros (*“acabei por ficar de pé atrás com toda a gente”*), tendo presente a existência do medo de arriscar e o receio de voltar a acontecer tudo de novo (*“não consigo porque não sei o que posso vir a passar novamente”*). A perseguição aparenta ser mais agressiva (maior frequência nos comportamentos) e intrusiva (*“ligava para o meu trabalho constantemente”; “sempre a perseguir-me de uma maneira muito agressiva”; “sentia-me abafado”; “não me sentia tranquilo”; “ao ponto de ela me tirar a minha liberdade”; “eu já não sentia que era a pessoa que deveria ser”; “estava a deixar-me muito frustrado”; “virei-me para os estupefacientes”; “controlava todos os passos que eu dava”; “senti-me privado de ter uma vida social”; “muito revoltado”*). Este é mais um aspeto muito importante a ser explorado em futuras investigações devido à pouca literatura existente relativa à mulher como *stalker* e ao homem como vítima. É necessário entender a dimensão do impacto e os comportamentos a ele associados. É igualmente, importante, que se estude este fenómeno quando a vítima e o/a agressor/a são do mesmo género.

No que diz respeito às percepções das vítimas face ao *stalking*, na sua generalidade, todos revelam ter uma noção do que é o assédio persistente, apesar de não terem uma definição exata. Abordam, particularmente, o assédio persistente através das redes sociais, referindo-se a ele como perseguição *online*. O *cyberstalking* está muito presente quando falamos em *stalking* sendo várias vezes mencionado nas entrevistas como fazendo parte das experiências de vitimação dos inquiridos. Verifica-se que os *stalkers* usavam perfis falsos, tentavam contactar as vítimas através das redes sociais, utilizando a informação partilhada para controlar mais eficazmente a vítima. As redes sociais mais usadas são: Facebook; Instagram; e, WhatsApp. No que diz respeito à forma como as vítimas experienciaram a sua experiência de vitimação, os resultados são unânimes: as

vítimas conseguem entender que o que experienciaram não é normal, que sofreram com o assédio e enfatizam o facto de ser uma experiência que retira estabilidade, proporciona desordem e mal-estar, influenciando o seu dia-a-dia, como reagem e como se empenham nas suas tarefas (*“são coisas que tiram tempo, tiram energia, que te tiram segurança, a percepção de segurança é muito importante”; “invade a nossa privacidade”; “modificou a minha vida de tal forma que eu já não me reconhecia e estava a falhar com a faculdade, com o meu emprego, é péssimo alguém conseguir tirar-nos a nossa liberdade ao ponto de influenciar as nossas escolhas e a forma como agimos”; “uma pessoa que gosta de ti não te pode tratar assim e proibir-te de evoluir”; “é como se nos metesse numa caixa”*).

Relativamente ao tipo de estratégias utilizadas, estas são, no geral, igualmente usadas por todas as vítimas. Recorrem ao mesmo tipo de estratégia, que se demonstra ineficaz: a negociação com o(a) *stalker*. Destacando, um participante no estudo, que recorreu ao consumo de substâncias psicoativas e, ameaças/ofensas à integridade física da perpetradora, também elas demonstraram serem ineficazes a curto prazo. Por outro lado, verificam-se estratégias mais eficazes, como evitarem o *stalker* e solicitaram o apoio de terceiros. Assim, levamos, automaticamente, para o tipo de apoios: informal, o mais utilizado pelas vítimas, recorrendo aos amigos e à família. Os inquiridos afirmam que ao recorrer aos amigos e/ou familiares conseguem sentir-se mais apoiados, seguros e protegidos, tendo as pessoas, em quem mais confiam, do seu lado e pelo facto de poderem falar abertamente sobre todas as situações que lhes causam mal-estar. Ao nível do apoio formal verifica-se que foi utilizado apenas por uma vítima homem, que recorreu a uma psicóloga, com o objetivo de receber ajuda com a sua experiência de vitimação e de a manter no foro particular, não recorrendo, assim, aos amigos.

5. Considerações Finais

Com este estudo, tivemos a oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre as experiências de assédio persistente, envolvendo vários fatores: tipologia do *stalker*, duração do assédio; comportamentos adotados pelo *stalker*; consequências/impacto na vida da vítima; concepções quanto à experiência de assédio; percepções acerca do que é este fenómeno; sentimentos gerados pelo assédio; estratégias e apoios que as vítimas usaram para fazer frente à experiência de vitimação; e, por fim, concepções da sociedade relativamente ao assédio persistente. O *stalking* é um fenómeno com grande relevo a nível social, legal, médico e psicológico e mesmo sendo um assunto de extrema e recorrente gravidade, continua a ser legitimado na nossa sociedade. Perante os dados obtidos, verificamos que os comportamentos adotados pelo *stalker* não diferem daqueles que são apresentados na literatura, não obstante a presença elevada da perseguição online – *cyberstalking*. Com a grande facilidade de acesso às novas tecnologias, sempre em evolução, existe um vasto leque de fontes para a obtenção de informações sobre a vítima, o que torna o acesso à mesma mais fácil e permite mais formas de a perseguir e de a assediar.

A presença da tipologia *stalker* ressentido, destacou-se pela atribuição de uma conotação mais negativa relativamente às outras. Apresenta maior peso emocional e um impacto mais negativo, com altos níveis de stress. O facto de desconhecer a pessoa que iniciou a campanha de assédio, obriga-a a estar em constante alerta e a desconfiar de toda a gente, um simples olhar de um estranho é o suficiente para gerar sentimentos negativos que afetam a estabilidade emocional da vítima. Na tipologia de *stalker* rejeitado, destacam-se dois casos particulares cuja vítima é do género masculino e o *stalker* do género feminino. Apesar de os comportamentos adotados pela *stalker* não diferirem das outras tipologias e de quando são perpetrados por um homem, as condutas usadas na campanha de assédio apresentam-se mais frequentes e persistentes criando um maior cansaço emocional, gerando sentimentos mais fortes e negativos. Os homens apresentam maior dificuldade em ultrapassar a sua experiência de assédio, verificando-se, a longo prazo, mais dificuldades na construção de

relacionamentos amorosos, baixos níveis de confiança em terceiros e, o receio de passar por uma nova experiência de vitimação.

Os resultados encontrados não podem ser generalizados, dadas as limitações metodológicas, nomeadamente a amostra por conveniência. Uma maior amostra poderia ter ajudado a consolidar os resultados. Contudo, permitiram aceder em profundidade às experiências das vítimas de *stalking*, explorando-se o impacto, os sentimentos, as perceções e conceções geradas pela experiência de vitimação.

Através dos resultados deste estudo, é possível verificar um leque de possibilidades para futuras investigações em Portugal. Assim, espera-se a realização de mais estudos que incluam as tipologias de *stalker* menos contempladas e o acesso às novas tecnologias focando-se no *cyberstalking*, de forma a compreender melhor as dinâmicas deste fenómeno, avaliando-se o impacto que este pode causar tanto no bem-estar social como emocional das vítimas; a exploração do tipo de vulnerabilidades que fazem os homens demorar mais tempo a ultrapassar a sua experiência de assédio, assim como entender porque razão que o impacto pode ser maior quando é perpetrador por uma mulher e a vítima é um homem, causando sentimentos mais negativos e mais fortes. Não obstante, é necessário abranger mais casos de estudo que incluam a comunidade LGBT assim como casos a envolver vítimas e *stalkers* do mesmo género.

Por fim, entre as vantagens ou potencialidades deste estudo temos o recurso à metodologia qualitativa que nos permitiu compreender melhor este fenómeno, as suas dinâmicas e o seu real impacto, abrindo novos caminhos para investigação; permitiu-nos analisar diferentes perspetivas, através das vítimas, sobre a sua experiência de assédio persistente.

6. Referências

- Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. *Lisboa (Portugal): Edições*, 70, 225.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London: SAGE Publications.
- Burgess, A. W., Baker, T., Greening, D., Hartman, C. R., Burgess, A. G., Douglas, J. E., & Halloran, R. (1997). Stalking behaviors within domestic violence. *Journal of Family Violence*, 12(4), 389-403.
<https://doi.org/10.1023/A:1021931509143>
- Carvalho, M. (2010). *O combate ao Stalking em Portugal: Contributos para a definição de um protocolo de intervenção policial* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Carvalho, M. P. L. D. (2011). *O Combate ao Stalking em Portugal: Contributos para a Definição de um Protocolo de Intervenção Policial* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Coleman, F. L. (1997). *Stalking behavior and the cycle of domestic violence*. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(3), 420-432.
<https://doi.org/10.1177/088626097012003007>
- Ferreira, C, & Matos, M. (2013). Violência doméstica e stalking pós-rutura: dinâmicas, coping e impacto psicossocial na vítima. *Psicologia*, 27(2), 81-106.
- Ferreira, C., Matos, M., Antunes, C., (2018). Pathways towards new criminalisation: the case of stalking in Portugal. *Eur. J. Crim. Policy Res.* 24 (3), 335–344.
<https://doi.org/10.1007/s10610-017-9346-1>

- Ferreira, J. (2013). Stalking como forma de violência nas relações de namoro (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Portugal.
- European Union Agency for Fundamental Rights, 2014. Violence against Women: an EU-wide Survey. Publications Office of the European Union, Luxembourg.
- Freidl, W., Neuberger, I., Schönberger, S., Raml, R., 2011. Stalking and health – an Austrian prevalence study. *Gesundheitswesen* 73 (4), 74–77.
- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e controvérsias. In C. Machado (Coord.) *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 121-166). Psiquilíbrios Edições.
- Grych, J., Hamby, S & Banyard, V. (2015). The Resilience Portfolio Model: Understanding Healthy Adaptation in Victims of Violence. *Psychology of Violence*, 5(4), 343–354. <https://doi.org/10.1037/a0039671>
- Haugaard, J. J., & Seri, L. G. (2003). Stalking and other forms of intrusive contact after the dissolution of adolescent dating or romantic relationships. *Violence and victims*, 18(3), 279-297. <https://doi.org/10.1891/vivi.2003.18.3.279>
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise psicológica*, 3 (24), 363-372.
- Leite, A. I. D. (2017). *Vitimação por Stalking e Funcionamento Psicológico na Idade Adulta: O Papel Moderador da Duração da Experiência* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona do Porto.
- Lowney, K. S., & Best, J. (1995). Stalking strangers and lovers: Changing media typifications of a new crime problem. *Images of issues: Typifying contemporary social problems*, 2, 33-57.
- Luz, N. (2012). *Tipificação do crime de stalking no Código Penal português: introdução ao problema. Análise e proposta de lei criminalizadora* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa.

- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011). Stalking: boas práticas no apoio à vítima: manual para profissionais. Porto: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2012). Stalking in Portugal: Facing a remarkable challenge. *Rassegna Italiana di Criminologia*.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., Azevedo, V., Gonçalves, M., & Sheridan, L. (2019). Stalking victimization in Portugal: Prevalence, characteristics, and impact. *International journal of law, crime and justice*, 57, 103-105. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2019.03.005>
- Meloy, J. R. (1998). The psychology of stalking. In *The psychology of stalking* (pp. 1-23). Academic Press.
- Melton, H. C. (2007). Stalking in the context of intimate partner abuse: in the victims' words. *Feminist Criminology*, 2(4), 347-363. <https://doi.org/10.1177/1557085107306517>
- Merriam, S. & Tisdell, E. (2016). *Qualitative research: A guide to design and implementation* (4th Ed.). John Wiley & Sons, Inc.
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2000) *Stalkers and their victims*. Cambridge: Cambridge University Press
- Mullen, P.E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: new constructions of human behavior. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 35, 9-16. [10.1046/j.1440-1614.2001.00849.x](https://doi.org/10.1046/j.1440-1614.2001.00849.x)
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research & evaluation methods: integrating theory and practice* (4th Ed.). Sage Publications, Inc.
- Pires, S. A., Sani, A. I., & Soeiro, C. (2018). Stalking e cyberstalking em estudantes universitários: Uma revisão sistemática. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 4(2), 60-75.

- Sheridan, L., Lyndon, A. (2011). The influence of prior relationship, gender, and fear on the consequences of stalking victimization. *Sex. Roles* 66.
- Sheridan, L. P., Blaauw, E., & Davies, G. M. (2003). Stalking: knowns and unknowns. *Trauma, Violence, & Abuse*, 4, 148-162. <https://doi.org/10.1177/1524838002250766>
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 16(1). <http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v16i1.2113>
- Spitzberg, B. H. (2002). The tactical topography of stalking victimization and management. *Trauma, Violence, & Abuse*, 3(4), 261-288. <https://doi.org/10.1177/1524838002237330>
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2007). The state of the art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and violent Behavior*, 12(1), 64-86. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.05.001>
- Spitzberg, B. H., Nicastro, A. M., & Cousins, A. V. (1998). Exploring the interactional phenomenon of stalking and obsessive relational intrusion. *Communication Reports*, 11(1), 33-47. <https://doi.org/10.1080/08934219809367683>
- Skoler, S. (1998). The archetypes and psychodynamics of stalking. In J. R. Meloy (Ed.), *The psychology of stalking: Clinical and forensic perspectives* (pp. 85-112). Academic Press.
- Tjaden, P & Thoennes, N. (1998). *Stalking in America: findings from the National Violence Against Women survey*. Washington, DC: *National Institute of Justice and Centers for Disease Control and Prevention*, Publication NCJ 169592
- Willig, C. (2008). *Introducing qualitative research in psychology: Adventures in theory and method* (2nd Ed.) Open University Press

Anexos

Anexo 1- Termo de consentimento informado

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, área do Comportamento Desviante e da Justiça, da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, está a desenvolver-se um estudo subordinado ao tema “*Stalking sob o olhar das vítimas: concepções e percepções sobre o crime*”.

O objetivo deste projeto é avaliar o impacto que o crime Assédio Persistente ou *Stalking* tem sobre as vítimas, assim como, as concepções e percepções destas sobre este tipo de crime.

Para tal, solicitamos a sua participação para uma entrevista, na qual lhe será dado espaço para relatar a sua experiência, da forma que achar mais pertinente sem que isso lhe acrescente qualquer risco ou malefício à sua experiência pessoal.

Todos os dados serão tratados com confidencialidade e anonimato, sendo apenas utilizados para fins académicos. A participação neste estudo é de carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a entrevista a qualquer momento sem que tal tenha quaisquer consequências para si.

O sucesso do trabalho dependerá da sua colaboração. Agradecemos, desde já, a sua disponibilidade.

Para qualquer dúvida ou esclarecimento de que necessite por favor contate o seguinte endereço eletrónico up201506961@fpce.up.pt

Poderá contactar-nos, caso tenha interesse no conhecimento dos resultados globais desta investigação.

Caso esteja de acordo com o nosso pedido, agradecemos a disponibilidade e solicitamos que assine este termo de consentimento livre e informado. Tomei conhecimento do estudo “*O stalking sob o olhar das vítimas: percepções sobre o crime*”. Mais, declaro que tenho mais de 18 anos e que aceito participar nesta investigação.

☐ SIM

☐ NÃO

Porto, DATA

Assinaturas

Do participante:

Dos investigadores:

Eliaana Catarina da Silva Rocha

Joaquim Luís Coimbra

Anexo 2- Guião da entrevista

Guião de entrevista semiestruturada sobre *stalking*

Dados sociodemográficos

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é a sua nacionalidade?
3. Qual o seu género?
4. Quais são as suas qualificações académicas?
5. Qual é o seu estado civil?

Entrevista

6. O que é que entende por *stalking*?
7. Considera que já foi vítima de *stalking*?
8. Se sim, quer falar um pouco da sua experiência e da sua história?

8.1.1 O *stalking* foi perpetrado por um conhecido, ex-namorado (antes, durante e/ou depois da relação), colega de trabalho, vizinho, desconhecido(a)?

8.1.2 Em que áreas da sua vida esta experiência teve impacto negativo (psicologicamente, fisicamente, economicamente ou em outras áreas, como as afetivas, a regulação das emoções, as relações – de intimidade ou de trabalho – a sexualidade ou mais auto-referenciais, como a autoestima, o autoconceito, a autoeficácia, a identidade, a segurança relacional (vinculação), a perceção de poder em diferentes contextos de vida, a autonomia, o empoderamento, a agência...)?

8.1.3 Que estratégias foram adotadas por si perante o assédio (estratégias de coping)?

8.1.4 Recorreu a algum tipo de apoio?

Se sim. Quer falar um pouco dessa experiência de apoio e dos seus efeitos?

Se não. Porquê?

Anexo 3- Mapa categorial

